



Número 8 – Julho 2018

DIÉESE

Trabalho por conta própria cresce na crise, mas em piores condições

Quem virou conta própria depois da crise encarou trabalhos menos protegidos, em postos menos qualificados e com remunerações 33% abaixo da recebida pelos que estavam há mais tempo nessa posição na ocupação

Com a crise e o desemprego, aumentou o número de brasileiros buscando alternativa no trabalho por conta própria. Em 2017, aproximadamente 23 milhões de pessoas estavam nessa situação, e desses, 5 milhões (23%) tinham se tornado conta própria há menos de 2 anos, segundo dados da Pnad Contínua (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios), do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Os que apostaram nessa alternativa, **depois da crise, no entanto, tinham o rendimento cerca de 33% menor do que os que estavam há mais tempo nesse tipo de ocupação**, mostra a Pesquisa.

Segundo os dados, há diferenças importantes também por cor/raça e sexo entre os trabalhadores que se tornaram conta própria mais recentemente e os demais (Tabela 1). Por exemplo, a mulher não negra que era conta própria há menos de 2 anos recebia, em média, apenas 59% daquela com as mesmas características que estava há mais tempo nesse tipo de ocupação.

Considerando apenas o trabalhador por conta própria com até dois anos, os homens não negros tinham o rendimento médio mais alto (R\$ 1.637,00); as mulheres não-negras ganhavam 31% menos que eles; os homens negros, 36%; e as mulheres negras, apenas a metade do recebido por este grupo.

TABELA 1
Rendimento médio do trabalhador por
conta própria, segundo sexo e raça/cor (em R\$)
Brasil – 2017

Sexo, Raça/Cor	Trabalhador por conta própria		Proporção entre os que têm até 2 anos em relação aos que têm 2 anos ou mais
	Há 2 anos ou mais	Até 2 anos	
Homem negro	1.331,00	1.040,00	78,1%
Homem não negro	2.380,00	1.637,00	68,8%
Mulher negra	967,00	809,00	83,7%
Mulher não negra	1.914,00	1.125,00	58,8%
Total	1.685,00	1.133,00	67,2%

Fonte: IBGE. Pnad Contínua

Entre os que trabalhavam por conta própria há menos de dois anos:

- 77% não tinham CNPJ nem contribuía para a Previdência Social, percentual maior do que o daqueles que estavam há mais tempo nessa posição;
- menos de 9% possuíam CNPJ e contribuía para a Previdência (situação em que se enquadra o microempreendedor individual, por exemplo);
- cerca de 10% contribuía com a Previdência, ainda que sem CNPJ, o que garante pelo menos alguma proteção social (como auxílio-acidente, licença maternidade/paternidade etc.), percentual também inferior ao daqueles que estavam há mais tempo (19%) atuando nessa posição.

Ou seja, o conta própria da crise encarou trabalhos com menor proteção social, menos qualificados e com remunerações mais baixas.

TABELA 2
Estimativa e proporção de trabalhadores por conta própria, segundo cadastro no CNPJ e contribuição à Previdência Social – Brasil – 2017 (em mil pessoas e %)

Situação legal	Trabalhador por conta própria					
	Há 2 anos ou mais		Até 2 anos		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Possui CNPJ e Previdência	2.669	15,0%	458	8,6%	3.126	13,5%
Só CNPJ (sem Previdência)	916	5,2%	235	4,4%	1.151	5,0%
Só Previdência (sem CNPJ)	3.359	18,9%	514	9,6%	3.873	16,8%
Sem nada	10.818	60,9%	4.138	77,4%	14.956	64,7%
Total	17.762	100,0%	5.344	100,0%	23.105	100,0%

Fonte: IBGE. Pnad Contínua

Entre os setores de atividade nos quais mais atuavam, destacam-se: comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas (4,8 milhões), agropecuária (3,8 milhões), construção (3,6 milhões) e informação e comunicação (2,0 milhões).

Com a crise econômica, houve uma aceleração da entrada dos trabalhadores por conta própria no setor de alojamento e alimentação (34% dos que estavam nesse setor atuavam há menos de 2 anos como conta própria), transporte e armazenagem (28%) e comércio e reparação de veículos (28%) (Tabela 3).

TABELA 3
Estimativa de trabalhadores por conta própria, segundo grupamento de atividade – Brasil – 2017 (em mil pessoas)

Grupamento de atividade	Trabalhador por conta própria			Proporção de conta própria com até dois anos
	Há 2 anos ou mais	Até 2 anos	Total	
Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura	3.408	371	3.779	9,8%
Indústria geral	1.826	505	2.331	21,7%
Construção	2.712	892	3.604	24,7%
Comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas	3.504	1.336	4.840	27,6%
Transporte, armazenagem e correio	1.173	456	1.629	28,0%
Alojamento e alimentação	1.169	603	1.771	34,0%
Informação, comunicação e atividades financeiras, imobiliárias, profissionais e administrativas	1.535	431	1.965	21,9%
Administração pública, defesa e seguridade social	1	0	1	0,0%
Educação, saúde humana e serviços sociais	495	167	662	25,2%
Outros Serviços	1.923	570	2.493	22,9%
Serviços domésticos	0	0	0	-
Atividades mal definidas	17	13	29	43,5%
Total	17.762	5.344	23.105	23,1%

Fonte: IBGE. Pnad Contínua

E, ao contrário da ideia difundida na imprensa do “empreendedor” que deixa de ser empregado para se tornar “chefe de si mesmo”, em uma atividade dinâmica, **a maioria (52%) dos trabalhadores por conta própria em “ocupações elementares” (faxineiros, pedreiros, preparadores de comidas rápidas etc.), com baixos rendimentos, entrou nesse trabalho há menos de dois anos.** Isso deixa clara a dificuldade de empreender “com sucesso”, principalmente em contexto de grave crise econômica, como o vivido hoje, que se arrasta desde 2014 e para o qual não se vislumbra saída por meio da atual política econômica (ver Boletim de Conjuntura nº 15, do DIEESE). Ou seja, o trabalhador que passou a atuar por conta própria nos últimos dois anos seguiu, como regra, um caminho bastante difícil, enfrentando situação de trabalho precário.